

# A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: ENTRE A COR DA TERNURA E A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA

*Marcos Antonio de Oliveira (AESET-FAFOPST)*  
*marcos\_ufrpe@live.com*

*Daniela Paula de Lima Nunes Malta (AESET-FAFOPST)*  
*malta\_daniela@yahoo.com.br*

## Introdução

A questão das relações étnico-raciais no Brasil tem gerado inúmeras discussões a respeito do tema. Hoje se pode ver que apesar de termos uma maior conscientização da igualdade racial, o preconceito e a discriminação persistem e a Educação é a maior arma para que se possa tentar dirimir essa situação. Sendo assim, em 2006 foi implementada a Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira no sentido de incluir no currículo escolar uma Educação orientada ao conhecimento da diversidade cultural com o objetivo de “promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo a construção de nação democrática”. (BRASIL, 2005, p. 31). Contribuindo para um maior conhecimento das particularidades da nossa própria história e também para a construção da identidade do povo brasileiro. De acordo com o Manual Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (SECADI, 2006),

diversos estudos comprovam que, no ambiente escolar, tanto em escolas públicas quanto em particulares, a temática racial tende a aparecer como um elemento para inferiorização daquele (a) aluno(a) identificado(a) como negro(a). Codinomes pejorativos, algumas vezes escamoteados de

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

carinhosos ou jocosos, que identificam alunos (as) negros (as), sinalizam que também na vida escolar, as crianças negras estão ainda sob o jugo de práticas racistas e discriminatórias. (p. 22).

O ato de promover cada vez mais uma educação para a diversidade, em que todos independentemente de raça, cor, religião, sexo, tenham os mesmos direitos e oportunidades, é de fundamental importância para que possamos ter uma sociedade mais justa e igualitária. Tendo como ponto de partida o fato da necessidade de orientarmos a Educação para a conscientização da diversidade cultural na perspectiva da construção da identidade nacional, o conto de Geni Guimarães intitulado “A cor da ternura” é notadamente uma obra que se aproxima dessa proposta, levando-nos a refletir a importância da Literatura Afro-brasileira, especificamente nas obras de autoria feminina, na construção dos aspectos culturais do nosso país.

No primeiro momento deste trabalho faremos uma discussão acerca da Educação para as relações étnico-raciais no Brasil, com base na promulgação da Lei 10.639/03, lançando um breve olhar sobre a valorização de um ensino voltado para a diversidade, onde se ressalta a importância de se discutir a temática do negro nas escolas. No segundo momento, abordaremos sobre como as Literaturas Afro-brasileiras podem auxiliar nesse processo de construção da identidade nacional, por fim lançaremos um olhar sobre a obra “A cor da ternura” de Geni Guimarães, associando os saberes descritos na história da mulher negra observados na obra em comunhão com o ideal de construção da consciência de si, feita pela personagem ao longo da narrativa, servindo como elemento estruturador para a formação de sua identidade.

### **Educação para as relações étnico-raciais no Brasil**

A cultura Afro-brasileira tem sido um dos assuntos mais discutidos nos últimos tempos, e o grande desafio atualmente é despertar nos indivíduos a consciência da diversidade cultural em uma sociedade que tem como um ideal de cultura os padrões da classe dominante. Segundo Lima, E. (2009),

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

a sociedade brasileira é constituída por uma diversidade étnico-cultural muito grande, aspecto que a torna uma das mais miscigenadas do mundo. Se por um lado, esse aspecto é considerado positivo, pelas possibilidades de troca de experiências, valores e saberes entre esses povos/grupos/comunidade, por outro, temos o desafio de construir projetos educativos que tenham a capacidade e o compromisso de reconhecer essa riqueza cultural, utilizando-a como um importante instrumento político-pedagógico no processo de formação de cidadãos críticos capazes de conviver e respeitar as pessoas e suas diferenças culturais, étnicas e políticas.(p. 1)

A educação, portanto, deve está orientada para a formação de cidadãos que respeitem a diversidade cultural existente, aprendendo a conviver e a compartilhar experiências e saberes, acabando com a discriminação e o preconceito que ainda persiste em nosso meio. É preciso que se faça um resgate da identidade cultural um tanto que deixada de lado no ambiente educacional, que tem como prevalência a tentativa de uma homogeneização cultural que privilegia um determinado padrão e nega a diversidade e as diferenças em nome de padrões baseados em arquétipos da cultura europeia e/ou americana (Lima, E., 2009).

Com a implementação da Lei 10.639/03, a educação passa a abrir os horizontes para ensino da diversidade nas escolas acrescentando no currículo a disciplina História e Cultura Afro-brasileira. Essa obrigatoriedade de uma educação voltada para as relações étnico-raciais é resultado de um reconhecimento da discriminação e do racismo presentes em nossa formação social, (SILVÉRIO; TRINIDAD, 2012). A negação dessa contribuição da cultura Africana para a formação da nossa identidade nacional faz com que esses mecanismos inferiorizem a figura do negro como participante efetivo na formação cultural do Brasil. Silva,(2007), diz que

a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-

raciais e sociais. (p. 490)

Ressaltando então o verdadeiro papel do ensino voltado a valorização das relações étnico-raciais de forma a empenhar todos na promoção da igualdade social, construindo uma sociedade mais justa e igualitária. Essa questão visa também auxiliar o povo brasileiro a construir a sua identidade.

Segundo Hall (2006, p. 47) “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem uma das principais fontes de identidade cultural”, os africanos trazidos para cá tinham seus próprios costumes, sua própria identidade e ao chegarem, sua liberdade foi cerceada, tanto que foram proibidos de exercerem seus cultos religiosos e seus costumes, foram escravizados e não tinham direito algum, pois eram “propriedade” de seus senhores, depois de um longo período de escravidão, essa realidade mudou um pouco com a assinatura de Lei Áurea em 1888e após serem declarados livres, cabia agora a eles buscarem seu lugar numa sociedade em que dominava um cultura arraigada em princípios e costumes baseados em padrões das sociedades europeias e se encontravam em péssimas condições sociais.

Entretanto, embora sujeitos livres, os negros se depararam com uma deplorável situação social. Passados 127 anos (*sic*), a liberdade anunciada pela Lei Áurea, por si só não restituiu aos negros africanos nem aos seus descendentes miscigenados a cidadania e a dignidade das quais gozavam enquanto libertos em seu país de origem. (MONTEIRO, 2012, p. 356)

Mesmo depois da promulgação da Lei Áurea, os africanos e seus descendentes miscigenados ainda encontravam-se em uma situação desfavorável, começa então a luta por uma maior integração à sociedade como cidadãos que gozam dos mesmos direitos e deveres como quaisquer outros.

### **Literatura Afro-brasileira e a construção da identidade nacional**

Sabe-se que a Literatura carrega um caráter ideológico muito forte.As

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

produções literárias, enquanto expressão de pensamento de diferentes momentos históricos tem como principal característica de suas personagens, homens e mulheres de cor branca, pessoas da cor negra quando aparecem são personagens coadjuvantes sem voz ativa na história e sempre em situações inferiores ou de servidão.

Estereótipos estão aos poucos sendo quebrados com obras em que a personagens negras estão ganhando destaque, mostrando a valorização da cultura, a luta contra o preconceito, em papéis que exercem uma função diferente daquela ligada à inferiorização e ao caráter servil.

O contexto de surgimento da literatura infantil sempre reforçou de alguma forma o estereótipo de beleza física e de delicadeza da Branca de Neve, os cabelos lisos de Rapunzel, os olhos claros dos príncipes nórdicos enfim, a beleza ariana dos heróis e heroínas brancos de tantos outros contos clássicos nos quais, invariavelmente a aparência física e a designação de pessoa cultural e de modo e lugar de transmissão dessa cultura eram estabelecidas a partir dos padrões da cultura colonizadora europeia e nunca da cultura do colonizado. (ARBOLEYA, 2009, p. 2).

Voltamos a salientar a relevância da promulgação da Lei 10.639/03, que reforçou a mudança do discurso sobre africanidades, trazendo à tona a discussão da diversidade e da temática do negro nas escolas, obras como a de Geni Guimarães, que fazem parte da Literatura Infanto-juvenil, ganharam ainda mais destaque (a premiada obra de Geni foi publicada originalmente em 1990), auxiliando na inclusão do tema para as crianças e para os jovens, pois antes “encontrar na literatura infantil um personagem negro ocupando o centro de ação de uma narrativa e assumindo na obra uma posição ativa e compromissada seria até algum tempo atrás uma raridade editorial na produção nacional” (ARBOLEYA, 2009, p. 1).

Então até que ponto essas obras podem auxiliar na construção e/ou no resgate de uma identidade que foi sendo perdida ao longo do tempo? Para Hall (2009) a questão da identidade está sendo amplamente discutida na teoria social. O ser social, até então visto como um ser unificado está se fragmentando e velhas identidades que mantinham a estabilidade do mundo social, estão em declínio, gerando uma “crise de identidade”.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. [...] esse processo produz no sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] (HALL, 2006, p.12)

Pode-se dizer então que o individuo vai construindo sua identidade ao longo de seu processo de formação, de acordo com a cultura na qual ele está inserido, todavia quando estes mesmos indivíduos são “transportados” para uma cultura diferente e se veem literalmente obrigados a cultivar valores que não fizeram parte de sua formação inicial, ocorre então a chamada “crise de identidade”, criando reivindicações e a busca por antecedentes históricos para resgatar e/ou reconstruir essa identidade que, de certa forma, acaba sendo perdida ou deixada de lado em detrimento à identidades pré-estabelecidas, significa então que “[...] uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (WOODWARD, 2009, p. 9) ou seja, a busca pelo resgate das raízes da cultura Africana e sua contribuição para a formação cultural do Brasil vem de encontro ao dito anteriormente, sendo que “[...] essa re-descoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.” (WOODWARD, 2009, p. 11).

Bhabha (1998), que se baseia nas ideias de Frantz Fanon<sup>1</sup>, aponta a seguinte afirmação da obra “Pele negra, máscaras brancas”:

Eu tinha de olhar do homem branco nos olhos. Um peso desconhecido me oprimia. No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades no desenvolvimento de seu esquema corporal... Eu era atacado por tantãs, canibalismo, deficiência intelectual, fetichismo, deficiências raciais... Transporte-me para bem longe de minha própria presença... O que mais me restava senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que me

---

<sup>1</sup> (1925 – 1961) Psiquiatra, filósofo e ensaísta francês, influente pensador do século XX, tornou-se membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia, lutou contra as instituições coloniais e racistas do mundo moderno.

manchava todo o corpo de sangue negro? (FANON *apud.* BHABHA, 1998, p. 73).

Trabalhando então nessa perspectiva da construção da identidade onde, se baseando nas ideias de Fanon que diz que o homem branco vê o homem negro como colonizado e por isso há essa relação de conflito e de inferiorização, Bhabha (1998, p. 73) afirma que “[...] os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão é perturbado”, fazendo uma ligação desse pensamento com a obra em questão, a menina Geni, se via diferente das outras crianças brancas, tentaram impregnar nela uma imagem que não a pertencia, levando-a a questionar sua cor. Na escola a imagem que ela tinha de sua raça era de um povo fraco e desprezível que se deixava dominar pelos brancos.

A valorização das Literaturas Afro-brasileiras contribui para a construção dessa identidade, no sentido de que ao se reconhecer a figura do negro nas narrativas, podem-se mudar pensamentos e amenizar preconceitos, entendendo que as diferenças existem não para gerar divisões, mas para mostrar que todos podem conviver de forma pacífica cultivando o respeito mútuo e a troca de saberes e experiências.

## **A cor da ternura e a identidade da mulher negra**

Atualmente tem se falado muito sobre o papel da mulher na sociedade. Elas, com o passar do tempo, foram adquirindo direitos que foi resultado de muitas lutas ao longo da história, dentre os direitos adquiridos estão o direito de voto, de se manifestar politicamente e de não mais ter seu estereotipo ligado apenas às tarefas domésticas, conquistando seu lugar no mercado de trabalho. Inicialmente elas não tinham esses direitos. Seu papel restringia-se unicamente a procriar e cuidar de suas casas e dos filhos. Todavia, na atualidade temos um panorama diferente, hoje elas geram filhos, cuidam do lar e, ao mesmo tempo, estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho. Mas apesar de todas essas conquistas, elas ainda são discriminadas. Pode-se dizer que a mulher da atualidade busca cada vez mais o seu espaço em uma sociedade, que foi ao longo da história foi baseada em um modelo patriarcal. Vemos mulheres sendo destaque nos diversos setores da sociedade, no que antes apenas os homens tinham prioridade, como na política, na literatura, etc..e foi assim com Geni Guimarães, na busca de realizar o sonho que fora promessa feita a seu pai de tornar-se professora, percebeu que sua situação econômico-social não eram fatores que poderiam fazer com que ela desistisse dessa jornada.

Geni nasceu em 08 de setembro de 1947, filha de Benedito Mariano de Camargo e Sebastiana Rosa de Camargo, ela é a penúltima filha de 12 irmãos, sendo sua família bastante numerosa. Na adolescência, colaborou com jornais publicando poemas, crônicas e contos. Recebeu o prêmio Jabuti em 1990 e o prêmio Adolfo Aisen da Academia Brasileira de Letras, este último pela obra objeto de análise deste trabalho.

Vinte e quatro anos após ter concluído o Curso Normal, retomou os estudos. Formou-se no curso de Letras pelo IMES (Faculdade localizada na cidade de São Manuel), onde estudou de 1989 a 1993, encerrando, assim, a carreira acadêmica e dedicando-se mais intensamente à carreira literária. Inicialmente, Geni Guimarães ratificou o espaço socialmente reservado à mulher negra, pois, antes de atuar como professora e escritora, ela foi babá



e empregada doméstica. (LIMA,O. 2009, p. 64).

Nessa perspectiva partiremos para a análise da obra “A cor da ternura” de autoria de Geni. No livro em questão, vemos como a autora, também personagem da história, sofreu com a discriminação e o preconceito por ser mulher e sobretudo, por ser negra. Em sua narrativa, ela relata sua autobiografia, revelando fatos importantes de sua trajetória de vida, desde sua infância e adolescência, até a fase adulta, quando, com muito esforço, se tornou professora e escritora. Ela conta que era muito apegada a sua mãe e já crescida mamava no peito de sua mãe e enquanto isso trocava carinhos com ela solidificando ainda mais os laços entre as duas. Gostava muito de fazer perguntas desconcertantes como na vez que chegou a perguntar se sua tinta saia se chovesse “água de Deus” e sua mãe sem graça respondeu que tinta de gente não saia, com isso nota-se que a menina estava começando a tomar consciência da diferença de sua cor.

Apesar de narrar com tanta convicção o racismo e o preconceito, pode-se encontrar também na obra características positivas dos personagens negros, quando ela descreve o respeito e amor que tem pela mãe.

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha [...] Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto [...] Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe. (GUIMARÃES, 1998, p. 13).

O fato de ser negra e pobre trouxe para ela muitos percalços, desde cedo Geni sentiu o peso da cor e da condição social. Na infância já sofria preconceito na escola por causa da cor de sua pele, era chamada por apelido pejorativos como “cabelo de bom-bril” “boneca de piche”, etc.. “Todos começam a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina.” (GUIMARÃES, 1998, p. 46). Esses insultos a incomodavam, porém ela se calava, principalmente porque o que mais a insultava era um menino chamado Flávio, filho

do padrão de seus pais e essa estigmatização a deixava triste e pensativa. Ela começou a perceber ainda mais a discriminação ao comparar-se com outra criança, quando a mãe estava a dar-lhe as recomendações de como comportar-se na escola.

Pelo amor de Deus, não vá esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair. – se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – Perguntei. – Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela. – Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até muco no nariz e... – Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 1998, p. 48).

Ela notou que Janete, mesmo fazendo tudo ao contrário do que sua mãe a recomendava, não era discriminada pelo fato de ser branca. Pode-se então dizer que o fato dela ter que calar-se diante das atitudes preconceituosas das outras pessoas com relação a ela e as recomendações da sua mãe de não fazê-la passar por situações constrangedoras na escola iam sufocando a identidade de Geni, até que ela se depara com o que Hall (2006) chama de “crise de identidade”. A menina Geni, decepcionada com a constante discriminação por conta da sua cor, chega a esfregar-se com tijolo triturado que sua mãe utilizava para limpeza de utensílios, para tirar o negro de sua pele. Na escola a professora sempre ressaltava os negros como escravos trazidos da África que eram obrigados a trabalhar e esse discurso a decepcionava.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

Infere-se então que a menina Geni, nesse processo de autonegação de sua identidade como negra, em nome dos olhares pejorativos dos outros ao seu redor, queria “se livrar” daquilo que a fazia “diferente”, para que fosse aceita.

De acordo com Hall (2006), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, as identidades não são definidas biologicamente, mas elas

vão sendo construídas historicamente, ou seja, pelas experiências vivenciadas por cada um, gerando uma identidade contraditória e não resolvida (Hall, 2006). Geni estava partindo para sua subjetividade buscando saber e de si mesma tomando consciência de sua raça e sua cor.

a “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu”. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. (Woodward 2009, p. 55).

Logo após a agressão feita a si mesma, como consta no fragmento acima, pode-se perceber os sentimentos de Geni, o início da construção da consciência de si mesma, mostrando o arrependimento e a grande marca deixada pelo racismo sofrido, misturados com o inconformismo da situação de inferioridade em que vive egerando nela sentimentos de mágoa.

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens. (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

“Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!” (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

O pai de Geni é colocado como alguém trabalhador atencioso e ela o considera seu alicerce, ele sonhava que sua filha um dia pudesse ser uma pessoa importante e tinha o desejo que ela fosse professora, e mais tarde com muita luta foi o que ela veio a tornar-se, mostrando a valorização dos aspectos positivos do personagem negro,

Meu pai chegou do trabalho na lavoura, tirou do ombro o bernal com a garrafa de café vazia e sentou-se num degrau da escada da porta da cozinha [...] Trouxe-lhe, e, ao desembulhar o fumo, ele deu com a cara do Pelé sorrindo no jornal [...] Este sim teve sorte. Lê aí pra mim, filha [...] Peguei o jornal e comecei a ler o comentário, que contava suas façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador.

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

[...] olhava no rosto do meu pai e ele soltava ameaças de risos. (GUIMARÃES, 1998, p. 70).

Todas essas adversidades sofridas pela personagem contribuíram para a formação de sua identidade, nessa perspectiva a personagem se mostra autoconfiante, demonstrando a superação das barreiras impostas por uma sociedade preconceituosa, mostrando o orgulho de ser uma mulher, sobretudo negra, que conseguiu realizar promessa feita a seu pai de tornar-se professora.

Mulher, terminando o ginásio.

Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.

Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.

Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.

Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel. (GUIMARÃES, 1998 p. 81).

Todavia, no decorrer da história percebe-se que é só o começo. Com o diploma na mão, Geni agora enfrenta o preconceito na fase adulta.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência”. (GUIMARÃES, 1998, p. 87).

Mesmo com todos os “olhares”, Geni conquista o emprego, porém no primeiro dia de aula uma criança recusa-se a entrar na sala pondo-se a chorar “[...] Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente.” (GUIMARÃES, 1998, p. 87). Isso mostra que ela apesar de ter vencido todas as barreiras para chegar aonde chegou, o percurso continua em uma luta constante para ser aceita em seu ambiente de trabalho. A história de Geni é um exemplo de superação e de

que todos, independente da cor da pele, com muito esforço pode-se chegar onde se quer chegar e vencer todas as barreiras que irão surgindo ao longo do caminho.

### **Considerações finais**

O presente trabalho nos fez refletir a respeito da temática do negro e da literatura afro-brasileira e seu contexto na educação, tendo como ponto de partida a obra “A cor da ternura”, obra infanto-juvenil escrita por Geni Guimarães, buscando compreender como a autora-personagem, ao retratar em seu livro a história de uma menina que apesar dos preconceitos sofridos, conseguiu com muita garra realizar o sonho de ser professora em cumprimento a promessa feita a seu pai.

Para antes adentrarmos na obra em si, fizemos um percurso na questão das relações étnico-raciais do Brasil, na qual notou-se a importância de uma educação voltada a essas relações com intuito de acabar com o preconceito e a discriminação, sobretudo nas escolas, levando cada vez mais a discussão dessa temática, principalmente para as crianças, essa possibilidade abriu-se ainda mais com a implementação da Lei 10.639/2003, para que haja um processo de conscientização e promoção da igualdade social e respeito à diversidade.

Com a relação à Literatura Afro-brasileira, sabemos que antes personagens negros em histórias eram relegados à papéis sem importância e que sempre ressaltava uma relação de subserviência, mas esse panorama começou a mudar e estereótipos começaram a ser mudados. Começando com a valorização das personagens negras, mais especificamente, em obras infantis, auxiliando as crianças a entenderem a contribuição de nossas raízes Africanas para a formação de nossa identidade cultural. Essas características pudemos ver na obra analisada neste trabalho.

Por fim, pode-se dizer que a obra de Geni Guimarães foi primordial para entendermos um pouco desse caráter, onde discutimos o papel da mulher na sociedade que está conseguindo cada vez mais destaque em atividades que antes era restrita apenas aos homens, e a luta de Geni como mulher e sobretudo negra, que no processo de construção de sua identidade, venceu todas as barreiras

impostas pela sociedade para se chegar onde chegou, pudemos perceber na análise da obra em questão, a valorização da cultura Afro, mostrando os aspectos positivos das personagens negras da história, respeitando os diferentes povos que contribuíram para a formação do nosso país.

### Referências Bibliográficas

ARBOLEYA, V. J. Questões de literatura infantil e afrodescendência: o poder de ação do personagem negro nas áreas de decisão da narrativa. **Revista África e Africanidades**. Ano I, n. 4, fev. 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Alves, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 70-104.

BRASIL. Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e africana**. Brasília, 2005.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. Ilustrações Saritá Barbosa. 12ª Ed. São Paulo: FTD, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, E. S. Multiculturalismo, currículo e formação docente: diálogos sobre os desafios contemporâneos. In: **Anais do 5º Encontro de Pesquisas em Educação da UFPI**. Teresina: EDUFPI, 2009. V. 1. p. 1-12.

LIMA, O. S. **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado Letras / Literatura e práticas sociais) – Programa de Pós-graduação em Teorias Literárias e Literaturas, Universidade de Brasília - Instituto de Letras, Brasília – DF, 2009.

MONTEIRO, Patrícia Fontes Cavalieri. Discussão acerca da eficácia da Lei Áurea. **Meritum** – Belo Horizonte – v.7 – n. 1 – p. 355-387 – jan./jun. 2012.

SILVA, Petronilha B. G. Aprender, ensinar e relação étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVÉRIO, V. R.; TRINIDAD, C. T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 10 out. 2015.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 7 - 72.